

UMA ATIVIDADE E UM VALOR ESSENCIALMENTE HUMANOS

Ser parte e participante

Como fizemos em uma oportunidade anterior, o convidamos a começar a Unidade examinando a palavra que lhe dá título. Pensar e repensar as palavras, cavá-las e -por que não?- brincar com elas é uma tarefa divertida que pode chegar a ser também muito esclarecedora. As palavras são uma convenção, uma criação cultural dos povos e, por este motivo, nos oferecem uma via de acesso -às vezes lógica, histórica e social- aos conceitos que representam. Além disso, especialmente nesta Unidade, descobriremos como as convenções -em especial, a linguagem- têm grande relevância para o tema que nos ocupa. Mas... vamos por partes. Pois, certamente, nas partes é que está a origem do conceito que temos entre as mãos...

Participação é a ação de participar. Quem participa "faz parte" de algo maior, que o supera e o transcende. O todo é mais que uma soma de partes. Os seres humanos fazem parte de muitos agrupamentos que têm um sentido maior que cada um de seus integrantes: família, grupos sociais diversos, nação, comunidades humanitárias.

Mas "fazer parte" é apenas uma parte do conceito. Participar é, também, "tomar parte" na vida e no destino dos agrupamentos que integramos. Isto é, intervir, opinar e, acima de tudo, decidir sobre as questões relacionadas ao grupo e que, como parte dele, também nos afetam.

"Fazer parte de" e "tomar parte em" conjuntos maiores do que cada indivíduo são os dois componentes do significado do termo "participar".

Participar é uma atividade natural do ser humano. E também exclusiva, pois só as pessoas são capazes de realizar os dois componentes do conceito "participação". Não diríamos que os átomos participam na molécula, nem as árvores no bosque, nem as abelhas no enxame do favo de mel. São parte dessas entidades maiores, sim, mas não tomam parte nelas. Não intervêm, e muito menos decidem sobre a organização e a sorte de seus agrupamentos. Seu "ser parte", seu "pertencer", lhe vem imposto pelas leis físicas ou biológicas que os regulam e que determinam neles um comportamento já programado pela natureza. Não tem decisões individuais que incidam no destino do conjunto.

Diferente de outros seres vivos - e de seus parentes mais próximos, os animais- o ser humano não tem um comportamento rigidamente programado. Sua condição de ser livre lhe permite discernir, eleger e modificar suas eleições constantemente - desde a estrutura da sua linguagem até suas propostas de vida pessoal e suas formas de organizar-se em comunidade. Por isso, os agrupamentos humanos

não são “naturais”, no sentido de impostos pela natureza, nem imutáveis através do tempo como o são os agrupamentos de animais, mesmo os mais desenvolvidos e gregários.

Quando falamos de “sociedades animais”, o fazemos num sentido figurado como uma metáfora de personificação humanizante. Só as comunidades humanas são “sociais”, isto é, sociedades em todo o significado da palavra, porque são resultado da construção coletiva de seus membros, seus “participantes”.

Os seres humanos participam das questões que lhes concernem como uma atividade vital desde muito pequenos. Essa atividade aumenta e torna-se mais complexa à medida em que os seres humanos crescem, como resultado do desenvolvimento de suas consciências e personalidades, mas na realidade está presente desde a infância. Assim, o tem feito sempre, desde suas origens como espécie, e o seguirão fazendo, porque é consequência inevitável de seus atributos intrínsecos, tais como a liberdade, a racionalidade, o espírito solidário e a capacidade para transformar seu ambiente.

O todo e as partes. Condições para uma participação plena

Reconhecer que participar é uma atividade espontânea, necessária e praticamente inevitável aos seres humanos apenas por serem humanos, é por demais genérico. Como já apontamos, ao longo de nossa vida todos integramos diversos agrupamentos e nos envolvemos em numerosas atividades coletivas. Ou seja, participamos, de uma ou outra maneira.

Mas... dizer “de uma ou outra maneira” requer mais reflexão. Do contrário o enunciado resulta tão geral, tal amplo, que nele cabe tudo, mas sem que se possa discriminar nada com clareza.

Há distintos graus de participação. Integrar um grupo ou envolver-se numa atividade não implica sempre a mesma intensidade de envolvimento ou compromisso com o que fazemos e com quem o fazemos, nem o mesmo tipo de contribuição afetiva e intelectual ao empreendimento comum.

Isto ocorre freqüentemente em todas as ordens da vida. Pode-se compartilhar com parentes uma mesma casa sem atuar realmente como membro de uma família; ir à aula, responder perguntas, realizar provas, sem ter ingerência na vida geral do colégio; cumprir um horário e uma função num emprego sem ter nenhuma intervenção na organização do trabalho coletivo... O mesmo pode acontecer em outros agrupamentos, pequenos ou grandes: equipes de trabalho, grupos de amigos, organizações e toda uma nação.

Quando aqui falamos de participação como um valor humano, temos como ideal-meta a participação plena das pessoas. Isto é, aquela que permite em maior escala que cada membro do grupo se desprenda de seus atributos e potencialidades individuais e faça contribuições decisivas à vida do conjunto.

Para que a participação plena seja possível é preciso que sejam cumpridas certas condições, tanto com relação ao âmbito no qual acontece, quanto ao rol de atitudes dos participantes.

Por **ÂMBITO** entendemos o grupo ou atividade coletiva que representa o empreendimento comum, o todo que cobra vida pela contribuição das partes - por exemplo, família, escola, organização de bairro, nação. Para que a participação seja plena, este todo deve organizar-se de tal modo que permita a seus membros:

- (1) **Atuar com liberdade.** Cada integrante deve poder levar a cabo ações concretas que reflitam seus sentimentos e opiniões autênticas, para que sua participação não fique na simples presença física - participação passiva - nem seja conseqüência de imposições alheias - participação ocasional.
- (2) **Intervir na tomada de decisões.** A opinião de cada integrante deve ser levada em conta na hora de decidir as questões de relevância para o grupo. Sem intervenção nas decisões - segundo as normas que o mesmo grupo tenha fixado de antemão - a "participação" não passa de um nome vazio de conteúdo - participação nominal.

Quanto ao **PARTICIPANTE**, para que sua participação possa chamar-se plena, deve reunir algumas condições:

- (1) **Ser respeitosa com a participação dos demais.** Como seres livres e iguais em dignidade e direitos temos de reconhecer e defender a liberdade, a dignidade e os direitos dos demais tal como o fazemos com os nossos próprios, Temos que banir as discriminações e cultivar o princípio da tolerância mútua.
- (2) **Ser crítica.** Cooperar com outros e trabalhar em conjunto não nega nunca - nem deve negar!- o caráter único e especial de cada pessoa. Não transforma o indivíduo em autômato, nem ao conjunto numa massa uniforme. Por isso, participar não é entregar-se incondicionalmente ao grupo, identificar-se com ele sem questionamentos. É contribuir a partir da própria individualidade, com ações e razões surgidas da maneira sincera que cada um tem de ver as coisas, ainda que não coincida com a dos outros e até crie problemas por isto.
- (3) **Ser responsável.** Ao participar estamos exercendo um direito a atuar que ao mesmo tempo nos impõe assumir responsabilidade por nossos atos. Isto significa, frente a tudo, analisar com cuidado a razão de nossas condutas e seus possíveis efeitos e, depois, reconhecer com honestidade o que fazemos e ser capaz de justificá-lo perante os demais, aceitando as conseqüências que se derivem da nossa conduta.

Por partes iguais. Relação entre valores

Querer e poder tomar parte decisória nos assuntos que nos afetam está ligado à nossa condição como **pessoas**. Por isto, a Participação está intimamente relacionada com os outros valores humanos que analisamos antes: **LIBERDADE, IGUALDADE E SOLIDARIEDADE**.

Pensemos... **Fazer parte plenamente em uma atividade, ou em uma agrupamento, é possível somente porque somos livres**. Porque como indivíduos podemos eleger, sem estarmos sujeitos às forças externas ou leis genéticas que nos imponham fatalmente um único curso de ação. Somos capazes de decidir, por nós mesmos, entre mais de uma opção possível.

Pode ser que nem sempre estejamos em condições de optar pelo que nos parece mais apropriado ou conveniente, pode ser que as circunstâncias nos imponham condições restritas. Mas sempre nos resta mais de uma opção. Nos casos extremos, pelo menos, podemos decidir entre fazer ou não fazer. Esta condição irrenunciável da liberdade permite-nos participar num sentido que está vedado aos animais.

Por outro lado, a autêntica participação só acontece no quadro da liberdade quando as regras de organização do conjunto reconhecem e respeitam a liberdade individual dos participantes e quando cada participante exercita e faz valer sua liberdade individual.

A participação, além disso, é possível porque somos iguais uns aos outros - entenda-se iguais "em dignidade e direitos", tal como analisamos em uma Unidade anterior. Não pode existir participação num contexto onde alguns dos participantes sejam considerados em essência "melhores" ou "superiores" a outros. Tal concepção - seja explícita ou encoberta - tira todo o sentido do termo. Com esse pesponto é muito difícil que todos sejam reconhecidos com igual direito na hora da decisão, em particular os considerados "inferiores". E, como dissemos: a possibilidade de fazer parte nas decisões coletivas é o que define o verdadeiro participar.

Não queremos dizer que em qualquer grupo ou atividade organizada no haja diferenças entre os participantes. De fato sempre existem. Variam as características individuais ou a condição em que se encontra cada pessoa, suas funções dentro do grupo, sua experiência, atribuições ou responsabilidades. Mas são diferenças circunstanciais, ou convenientes ao grupo: nunca podem ser diferenças na dignidade essencial, nem nos direitos básicos de cada um como pessoa.

Finalmente, **a participação supõe também a solidariedade humana**. Participa-se em um empreendimento coletivo, que supera e transcende os indivíduos porque se reconhecem os vínculos de cada um com os outros; porque há necessidades comuns a todas as pessoas que podem ser melhor atendidas se forem somados cooperativamente os esforços individuais; porque existem interesses compartilhados pelos quais todos devemos velar ativamente. Usando um ditado popular, porque "estamos todos no mesmo barco". Claro que... não como parecem entendê-lo os

personagens da tormentosa caricatura que acompanhamos! Algo está falhando em sua idéia sobre o que é um empreendimento comum e um esforço compartilhado, não é?



O ditado explica por que entendemos a participação não só como uma atividade, mas também como um **valor** essencialmente humano. Um valor em sentido ético, psicológico e social. As pessoas espontaneamente procuram ser e fazer parte em questões que nos concernem e afetam. Quando forças externas proíbem e limitam nossa participação, a reclamamos por distintos meios. Porque, sem ela está limitado também o exercício de nossa liberdade, nossa condição de iguais em dignidade e direitos e nossos vínculos solidários com os demais. No total, rebaixa-nos em nossa condição humana.

